



LAGRIMA

PUBLICAÇÃO RECREATIVA

Anno I—N.º 9

Cada numero 10 rs.

Barcellos 26 de agosto de 1892

R. I. P.

Na 6.ª feira finda, pelas 6 horas da tarde, fomos surpreendidos pela des-sagradabilissima noticia de que havia entregado a alma a Deus o nosso querido e sympathico amigo, Arthur Lourenço Roriz.

Desde ha muito que uma doença pertinaz e progressiva o retinha no leito da dôr, ao qual a parca implacavel o foi arrebatar para arremessar agora com o seu corpo gélido e immovel á fria campã do cemiterio. Pobre amigo!

Quando o porvir te sorria e as agruras da tua vida escolar estavam a attingir a méta do teu ideal—somes-te d'este mun-

do d'illusões para o paiz da realidade.

E' triste, immensamente triste perder assim de momento um filho querido, um irmão carinhoso e um amigo sincero, mas é sua lei divina e como tal cumpre-nos acatal-a com respeito profundo.

Mitiguemos a saudade com a esperanza de que o nosso amigo está agora no ceo gosando a presença de Deus.

Preilo de homenagem da redacção.



A PERDA INGENTE

Perdi dez reis! bradava um avaro,
Dez reis! duzentas gotas de suor!
Mato o meu corpo, não perco um momento,
porque me castigaes assim, Senhor?

A LAGRIMA

Não vou á missa? Não faço, não tento
almas boas fazer? Dex reis, que horror!!
Entre gente remota edificaram
Novos costumes que tanto enganaram

Quem te encontrou não sabe a privação
que vou soffrer dinheiro meu querido.
Se o soubesse, decerto a sã razão
o aconselhava e tinha-o já trazido.
Que eu faça a santo Antonio oração,
Se elle é de todos nós o mais perdido!
Cantando espalharei por toda a parte
Que tu, Antonio, não peças d'esta arte.

O avarento esquecendo já a heresia,
Estas palavras triste a sós dizia.

Ó triste, ó desgraçado, meu dinheiro!
Tu que tantos serviços me fazias,
Não podias estar no mugalheiro?
Estavas tão bem! quando me vias,
Que brilho estranho!... té meu corpo inteiro
se convulsionava... não to rias.
Cesse tudo qu'antiga musa canta
Que este facto atroz 'inda mais espanta.

Barcellos, 27 — 8 — 92

J. P. L.



Galeria de homens illustres de Barcellos

«O homem é illustre pelas suas acções»

Plautier

Francisco Eirogo

II

Já ha muito tempo que me fallavam de Francisco Eirogo como homem habilidoso para tudo; mas, co-

mo nos tempos que vão correndo, todos tem mais ou menos habilidade, nunca dei gaande importancia quando me fallavam d'elle e sempre pensei que elle havia de ser um d'estes sujeitos que perferem fazer qualquer cousa a estarem inteiramente ociosos e para os quaes os pequenos trabalhos tornam-se uma distracção como se tornava para o «rei da Macedonia o fazer lanternas, para o rei da França o fazer fechaduras e Domiciniano que empregava o tempo a apanhar moscas»; porisso continuei a não me importar quando me fallavam d'elle. Porem, um dia, um meu companheiro das noites invernaes, disse-me que havia de ir com elle a casa do Eirogo, para ver um d'estes homens que se perdem por



(Gravura n.º 1)
Caiola primitiva

não haver em todos os concelhos escolas industriaes que os auxiliem. Visto o coavite do meu amigo acedi e marcamos ir no dia seguinte, e assim foi.

Eram nove horas da manhã; densas nevoas cobriam a villa, — rasão porque tivemos de esperar que se dissipassem; acompanhava-nos um

A LAGRIMA

sujeito do Porto que queria ver bem Barcellos, e só ás 11 horas é que a atmospherá se apresentou limpida. Posemo-nos então a caminho, e passado uma hora avistamos a casa; eu acelerei o passo e outro tanto fizeram os meus companheiros. Estávamos junto á casa, batemos e entramos; a sala de recepção foi a officina como é de costume em casa d'artistas, sentamo-nos emquanto esperávamos que o artista regressasse de uma exploração d'aguas que ti-



(Gravura n.º 2)
Gaiola aperfeiçoada por Eirogo

nha ido fazer n'aquella manhã.

O interior da casa é modesto: No chão, estirado ao sol, um grande gato branco espreguiçava-se e bocejava fechando os olhos sornamente; fora, no quintalejo via-se uma multidão de gallinhas, patos e perus, disputando o milho que estavam a atirar-lhe; umas pombas arrollavam nos beirões do telhado e um cão perdigueiro veio ao nosso encontro farejar-nos familiarmente as mãos (se fosse Julio Verne diria que o cão nos veio cumprimentar e que teve meneamentos de cabeça altamente significativos...); os canários nos viveiros, chilreavam alegremente; pe-

la parede mil objectos taes como *étagères*, gaiolas, armadilhas para passaros, nassas e tesões para pesca, ratoeiras, varios desenhos, madeiras abertas em alto e baixo relevo, etc.



(Gravura n.º 3)
Armadilha primitiva do pilhar passaros

Chegou o Eirogo, cumprimentámo-lo, e começamos a fallar na desprotecção ás industrias, e falta d'escolas industriaes onde se podesse aprender e aperfeiçoar as artes; em seguida começou a mostrar-nos diferentes trabalhos muito correctos e difficeis que foram a nossa admiração, um d'esses foi a gaiola que indica a nossa gravura n.º 2, que é um assombro considerado, como trabalho de um amator. Os nossos leitores examinando-a em confronto com a indicada pela gravura n.º 1 façam o seu juizo; nós pela nossa parte diremos—que as gaiolas primitivas eram de madeira grossa e alem de não deixaram vêr bem a ave que tinham d'entro (como podem observar), tinham o inconveniente de ser pesadas e porisso ter de ser penduradas em cordas grossas ou em gan-

A LAGRIMA.



(Gravura n.º 4)
Armadilha moderna de pilhar passaros, invenção de Eirogo

chos de ferro, depois para fazer a limpeza era um trabalho; n'estas modernas não acontece isso, e são tão leves que u na creança as transporta d'uma para outro lado sem grande custo. E' feita esta gaiola de varinhas de salgueiro e canas. A nossa gravura n.º 4 tambem representa uma armadilha moderna para pilhar passaros—invenção de Eirogo; as antigas (gravura n.º 3) eram pesadissimas, de maneira que os caçadores da caça tinham de fazelas transportar á cabeça ou em carros, ao passo que estas modernas levam-se n'um bolso!...

Diremos:—que a impressão agradável com que nos retiramos é tal que mal se pode exprimir.



(Gravura n.º 3)
Baixo relevo aberto em madeira por Eirogo

Eirogo é magro, alto, levemente moreno, tem typo de ter ideias muito levantadas, e mostrou-nos ter dedicação d'apostolo e estranha teimosia nos mais graves empreendimentos; se me perguntarem a sua idade, não sei dizer se tem 30 ou 40; o seu espirito é juvenil e sua fisionomia como se fosse escultura em marmore, não revela vestígios que as azas do tempo gravam sempre ao roçar a face dos miseros mortaes; tem gestos fartos e facilidade no fallar.

É humilde o seu nascimento, e pode dizer como o auctor francez da *Mimosa Gabriella*—«nasci como uma herva da rua». Assim como o papa Pio Sixto, tendo exercido o cargo de lampeanista chegou áquelle grau, quem ousa duvidar de que o nosso biographado lampeanista hoje, possa amanhã occupar nm dos primeiros logares na historia dos artistas celebres? Ninguem.

O cargo de lampeanista foi-lhe offerecido pela exm.ª Camara d'este concelho, em sessão solemne.

Zetil.



ENYSMA A DEFRIÇAR



Hontem



Hoje